

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--27 de Junho--1929

sempre  
**IXE**  
5<sup>a</sup> OS TOES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**162**



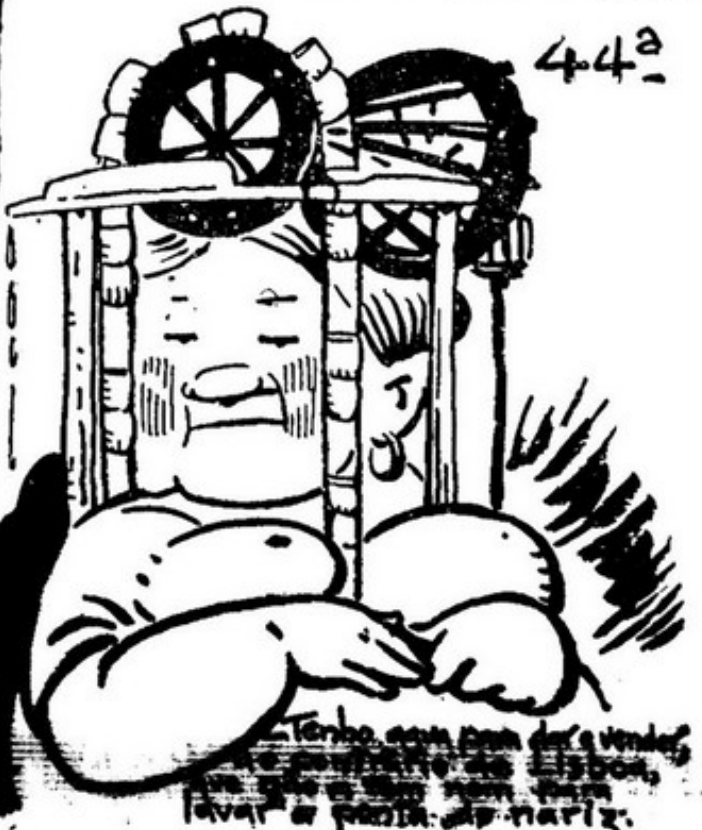
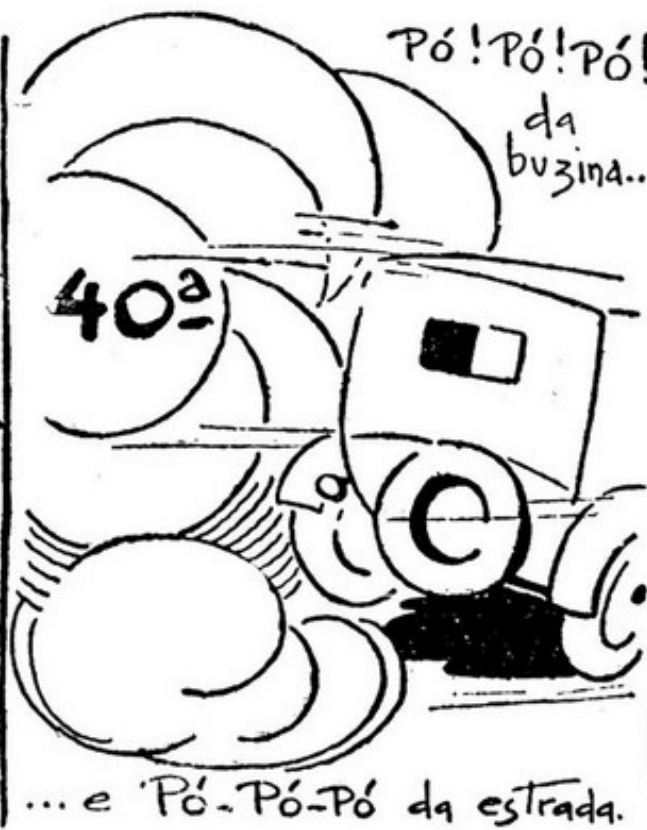
# sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## As adivinhas do "Diario de Lisboa"





# Os ditos da semana



**São João** Mais um santo popular. Depois do pularíssimo Santo Antonio, vem o S. João e vem o S. Pedro, um que guardava ovelhas e outro que pescava carapaus. Todos teem na alma popular, um grande culto, porque todos dão pretexto a um bailarico e o que o povo quer é folgar.

Não arranquem as crenças da alma do povo, que o povo não pode viver sem fé e o vinho não ha de deixar de se vender.

**O calor** Ainda no nosso ultimo numero nos lamentavamos da falta de calor e já hoje andamos de lingua de fora, suando aos potes. Abunda o calor e falta o assunto para esta pagina, que a graça é uma planta mimosa que só desabrocha com o tempo fresco. Puxa a gente pela cabeça e não sai nada se não suor. A massa fosterica empederniu e é preciso agita-la não vá ela incendiar se — além de que não convem desaliar o riso aos leitores que já andam bem derretidos com o calor. De mais, as bocas secaram e foram-se os labios e não ha e isso para lubrificar as gargalhadas. Quem quizer que vá fabricando graça para uso proprio e que vá rindo para dentro.

Entretanto nós iremos dizendo como o tal namorado:

— Esta calor euma burro...

**Itiericia** A Camara diz que não, mas a baixa já está toda de amarelo. Amarelo mais escuro, amarelo mais claro, amarelo torrado, amarelo abobora, amarelo de partida de menino de mama, ha de tudo um pouco.

Quando a nós trata-se de itiericia ou de grande anemia contagiosa tanto mais que ha predes com olheiras nas janelas pintadas de escuro.

Aquilo não é feio, mas não se explica.

Amarelo porquê? Porque não hão-de ser lilazes, os predios? Porque não hão-de ser cor de rosa, azues celestes, ou cor de respiração de vaca?

Agora é tudo igual, uma monotomia sem fim. O *Sempre Fixe* apresenta o seu protesto, não porque se importe com a cor da fachada de cada um, porque nada tem que ver com as pinturas alheias, como nunca se importou que as senhoras caissem as frontarias a rouge e creme Simon, mas porque antevê as graves

complicações que podem resultar para a vida citadina desta uniformidade de cor que vem encarecer a vida. Antigamente qualquer garoto da rua, qualquer creadita boçal e analfabeta servia para fazer um recado, para entregar uma carta de namoro, dando-lhe apenas um ponto de referencia:

— Entregas esta carta á menina do 2.º andar daquele predio cor de rosa, daquele predio amarelo, daquele predio cor de cinza.

Agora tudo mudou. Os predios são todos amarelos e as creadas são todas estupidas e analfabetas. Cupido já não passa sem um galego e o ga-

lego não faz de mercurio por menos de cinco escudos.

Encareceu a vida por causa das pinturas.

**Esc.** Apareceu agora nos carros electricos um *afiche* que muita gente não sabe traduzir embora toda a gente saiba escarrar.

Diz o *afiche*:

“Sob pena de esc. 20\$00 é proibido cuspir sobre qualquer parte do carro.”

O *Sempre Fixe* traduz:

Sob pena de escarrar 20\$00 é proibido cuspir sobre qualquer parte do carro.

E' o que se chama uma barbaridade. Pois se a gente po-

dia escarrar 20\$00 desde que cuspiisse sobre qualquer parte do carro para que nos tiram essa fonte de cuspo e de receita?

**O poder das distancias**

Telegramados jornaes: “Bogota 20 — O rio Quiloase transbordou, inundando a cidade de Sucre. Quasi todas as casas desabaram. Ha 30 mortos.”

O publico lê e comenta:

— Olha que espiga... Hein!

No mesmo dia e no mesmo jornal: “Na outra banda afogou-se um rapazito que andava a tomar banho no rio.”

O publico lê e comenta:

— Que horror! Que horrivel tragedia!

O poder das distancias. Até a morte ao longe, é mais pequena.

**Camisa de onze varas**

Em Inglaterra é da praxe apresentarem-se os membros do governo, de calção e meia de seda, nas cerimoniaes da corte e dizem os jornaes que Miss Bondfield, ministra do trabalho se acha metida numa camisa de onze varas, por não saber como ha-de cumprir a velha tradição.

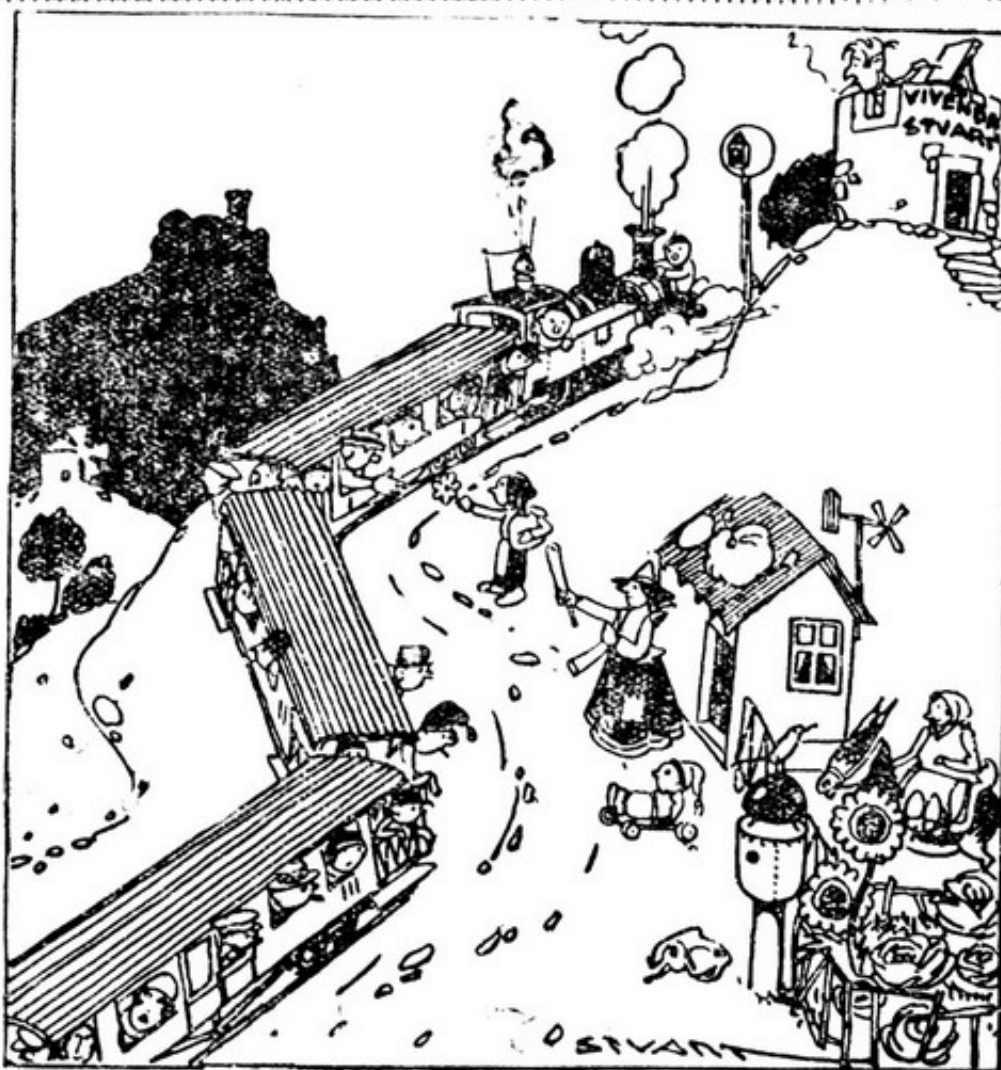
O *Sempre Fixe* não compreende semelhante atrapalhação. A praxe é levar calção e meia de seda, mas não ha tradição, nem lei, nem regulamento que proiba cobri-los com uma saia, principalmente nos tempos que vão correndo em que as saias cobrem tudo menos os calções e as meias de seda.

As saias são agora verdadeiramente teoricas. Existem mas é como se não estivessem lá. Tão exiguas são que não é difficil deixar ver os calções e as meias de seda.

Ha trinta anos a difficuldade seria irremovivel, mas, nos nossos dias, todas as mulheres parecem ministras inglezas em dia de recepção na corte.

Atrapalhação compreenderiamos nós se fosse praxe apresentarem-se os ministros de bigode e pera. E mesmo assim ainda haveria ministras que chegassem até o bigode.

E em caso de necessidade, Portugal poderia fornecer um belo stock de ministras barbadas, que as ha por aí de primeira qualidade e de cabelinho na venda.



O sud-saloio, passando defronte da linda vivenda do nosso colaborador Stuart Carvalhaes.



I — Coitadinho, tem medo, eu vou passá-lo ao colo. II — Vamos lá, não tenhas medo. III — Aqui tem V. Ex.ª o seu filho. — Não é meu, eu não tenho filhos.

# T E A T R O

## «RETROZ PRETO...»

HA inumeros artistas que se encontram desempregados, lutando por falta de teatro, a maioria dos quais está sofrendo obras...

E' das classes que mais lutam actualmente. A crise por que atravessa é espantosa...

Quando haverá um pouco de sol na familia teatral? Anda tão precisada...

A lista dos desempregados é grande. Dificil será fazê-la. Alguns dos grandes estão em casa. Podemos citar: P. B.

E' justo que se prive o publico do contacto com os seus grandes artistas?

Não é. E por isso é urgente um remédio, seja ele qual for...

RECORDAMOS da secção teatral do *Diario de Lisboa*, de 22 deste mês:

«Foi nomeado inspector da Policia Internacional, para a fronteira de Vilar Formoso, o actor Rafael Marques, que dentro em breve parte a ocupar o seu lugar.»

OS reclames do T. da T. dizem que a A. F. vai ao Brasil. Anunciam a sua ida da seguinte maneira:

«Adelina Fernandes, a voz de ouro do Fado Português, figura prestigiosa do nosso teatro ligei-

ro, admiravel interprete da maguada «Cesaria» da opereta «Mouraria», o «az» português do gramofone, pela serie de discos gravados ate agora, acaba de fechar um interessante contrato com o illustre empresario José Loureiro. Adelina vai brevemente ao Brasil, pela primeira vez, sendo facil calcular-se o exito enorme que ali vai causar, dado que o publico de ha muito vem solicitando a sua presença ali, ansioso por conhecer pessoalmente a grande cantora da nossa canção nacional.»

Que vá... mas que volte. E' o que lhe desejamos. Ainda que, neste momento, pouca falta faz na revista «Manda quem pode»...

Vê-se até que quem pode mandar... não o quiz fazer!... Ha artistas com quem já não se deve brincar...

O publico percebe isso e não perdôa.

NO T. P. estão construindo uma forte parede para guarnecer os camarins...

Alguem lhe chamou: «O tumulto do actor desconhecido»...

COMEÇOU a canicula e com ela as vazantes teatrais...

E' desolador ver essas casas de espectáculo... Domingo passado, então, foi uma desgraça! Encheram-se os jardins e os bailaricos e despovoaram-se as plateias!

O publico devia lembrar-se de que os actores teem bôca e comem como os outros... Teem, tambem, direito á vida... E' necessario dar-lhes alguma coisa... e não os abandonarem!

A RECITA de homenagem ao A. P. teve a vantagem de se saber a idade das nossas artistas...

Se algumas, por graça, a diminuiram, outras disseram a verdade! O odio entre elas, no entanto, levou algumas a chucharem das que falaram com sinceridade...

Até onde vai a inimizade!

SOMOS uma das pessoas — estamos certos disso — que mais cartas anónimas recebe.

E' uma arma de que se servem os fracos... ou os que desejam dizer aquilo que, muitas vezes, os outros já sabem...

— Um anónimo — dizia-nos ha dias um colega — só é bom quando nos manda dinheiro para os pobres... De contrario, não pode ser boa pessoa...

FEZ SE um julgamento ao mestre A. P. para responder pelos crimes praticados durante a sua actividade teatral.

E' claro que não houve crimes e, portanto, o réu foi absolvido. Calcule-se quantos julgamentos se

teriam de fazer se se vasculhasse bem na vida teatral de alguns actores e de algumas actrizes? Quantas condenações haveria? Algumas até iam a prisão perpetua... se o nosso Codigo Penal a tivesse...

SEVILHA, apesar da Exposição, está as moscas. Os hotéis vazios e o Parque Maria Luiza só com os expositores... O mesmo está succedendo no T. A. Estão vendo a «Exposição de Sevilha» só os actores...

DIGAM o que disserem. Desde que a *vallette* E. S. arribou a Lisboa, as revistas passaram a ser melhor vestidas... ou por outra, melhor despidas...

Nunca houve guarda roupa com tanto gosto... nem com tanto deslumbramento...

Digam o que disserem...

C. A. diz na sua critica sobre o «Manda quem pode»:

«E. S. em plena decadencia como cantora...»

Isto é o mesmo que dizer:

«C. A. em plena decadencia como medico...»

São coisas que nem um nem outro foram nunca...

**O Homem das 5 horas**

## Récita infantil no S. Luiz

**C.A. o ANIMADOR DA FESTA**  
UMA ALMA DE CRIANÇA  
NUM CORPO D'HOMEM.

**J. ENCARNÇÃO FERNANDES**  
A GRANDE MESTRA QUE ATÉ  
FICOU ENORNADA  
COM O  
SUCESSO

**D. BERTA BARROS**  
A ALMA ANIMADORA DA GRANDE  
FESTA



**A 1ª BAILARINA**  
MARGARIDA P. DE CARVALHO  
UMA PALOVA  
MICROSCOPICA, CUJAS  
DANÇAS FORAM UM  
PRIMEIRO DE  
EXECUÇÃO

**FRONCEÇA**  
QUE TAMBEM  
SE ENNAIÇOU  
A ENSAIAR

**UM ENCANTO**  
DE RAMONA RAMOS...

## Cronica dos tribunais

— Esta aberta a audiência!  
Responde um homem acusado de andar por varios lados a dizer que era o chefe do distrito.  
O juiz interroga-o:  
— Qual é a sua profissão?  
— Chefe do distrito!  
— Queir dizer, é governador civil...  
— Não, sr. juiz. Sou chefe do distrito ha mais de quinze anos, nas linhas dos caminhos de ferro, em S. Domingos de Bemfica.  
— Nesse caso, é ferro-viario...  
— Sou chefe do distrito, sr. juiz!  
— Essa é boa!  
— Eu provo a V. Ex.ª, com o testemunho dos meus superiores, em como sou chefe do distrito.  
— De que cidade?  
— Das linhas dos caminhos de ferro de S. Domingos de Bemfica!

\*\*\*

Um homem acusado de agredir a mulher com duas bofetadas. Não ha testemunhas de vista.

O juiz:  
— É verdade ter batido na sua mulher?  
— Deilhe apenas uma «dolacha», sr. juiz!  
Depois de ter falado a acusação e a defesa, o juiz perguntou ao rei se tinha mais alguma coisa a alegar em sua defesa.  
— Tenho, sim, senhor!  
— Então diga lá e seja breve...  
— Eu desejava apelar para o bom coração de V. Ex.ª, sr. juiz...  
— Ora vejam... Apelar para o meu bom coração... Mas isto não é meu, senhor! Eu estou aqui para administrar a justiça! Com que então apela para o meu bom coração? Vá-se lá embora! Vá-se lá embora!

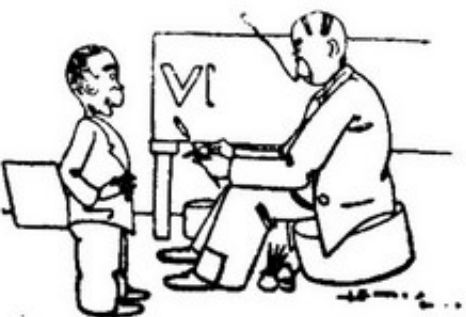
\*\*\*

Dois individuos eram acusados de andarem envolvidos em desordem.

O juiz:  
— Porque se envolveram em desordem?  
— Nós andavamos só de brincadeira um com o outro.  
— E ainda são amipos?  
— Amicissimos!  
O juiz, lendo a sentença:  
— Eu tenho duas inteligencias: a juridica e a moral! Vão absolvidos, juridicamente por falta de prova, mas ficam condenados moralmente por eu estar convencido de que praticaram o delicto! Tenham puzo para a outra vez e vão-se lá embora!



— Onde lá, sr. policia; quantos anos tem de serviço?  
— De 2...  
— E é estimado pelos seus chefes?  
— Muito.  
— Ora muito bem. Posso confiar em voce. Faz favor diz me qual é o caminho mais curto para a escação?



— Meu filho, tens de aprender para pintor de letras, que é a profissão de teu pai...  
— O' pai, tenho de ir para a Faculdade de Letras?



— Que grande esquadra tem os italianos!  
— E' que tu não viste ainda a «esquadra do Caminho Novo»!

## Ditos de José Ricardo

A casa de José Ricardo, na rua da Alegria, acaba de ser leiloadada. Ali, onde o artista passou algumas das melhores horas da sua vida, entrou agora o cabeça de pau, esse tipo classico de negociante que invade todos os domicilios, que se ri de todas as delicadezas do sentimento humano, que remexe as gavetas dos moveis e escarnea com a sua linguagem de «bruto» de velharias e modernismos, de imagens de santos e de retratos de familia. Não fui lá, a essa casa onde algumas vezes me demorei, mas do longe, entre alegre e triste, não ponde deixar de recordar alguns ditos chalacecos do grande actor que foi o creador em Portugal dos *Sinos de Cornerville*. O leitor do *Sempre Fixo*, que compra este jornal para rir, perdoará o tom da minha linguagem, jocosa e séria, mais séria ainda do que jocosa. Mas ha lances da vida onde o riso tem de usar duma tregua. Lembra-me que, quando no Porto morreu o caricaturista Sebastião Sanhudo, o grande Rafael Bordalo, na *Parodia*, chorou tambem nesta legenda celebre do retrato do artista: «A *Parodia* arranca a mascara da chacota para poder chorar melhora. Quem gosta de lér o *Sempre Fixo* interrompe tambem por uns segundos o seu riso para me aturar, mas vou compensa-lo com alguns bons ditos do José Ricardo.

— «Onde moras?» — perguntou-lhe algum.

— «Hom'essa, onde eu hei de morar? Na rua da Alegria» — respondeu, Cifka Duarte, grande amigo do ar-

tista, convidou-o a visitar a sua casa em Sintra. José Ricardo percorreu interessado todo: as dependencias da moradia do aviador e, quando este lhe mostrou uma enorme capoeira cheia de criação, José Ricardo não se ponde conter e disse:

— «Mas isto é o campo da aviação.»

Na Figueira da Foz, o barbeiro que costumava servi-lo quando ali ia em *tournee*, no desejo de ser agradável ao actor, depois de lhe fazer a barba, perguntou-lhe amaneirado:

— «O que quere o sr. José Ricardo que eu lhe ponha agora na cara?»

Resposta imediata:

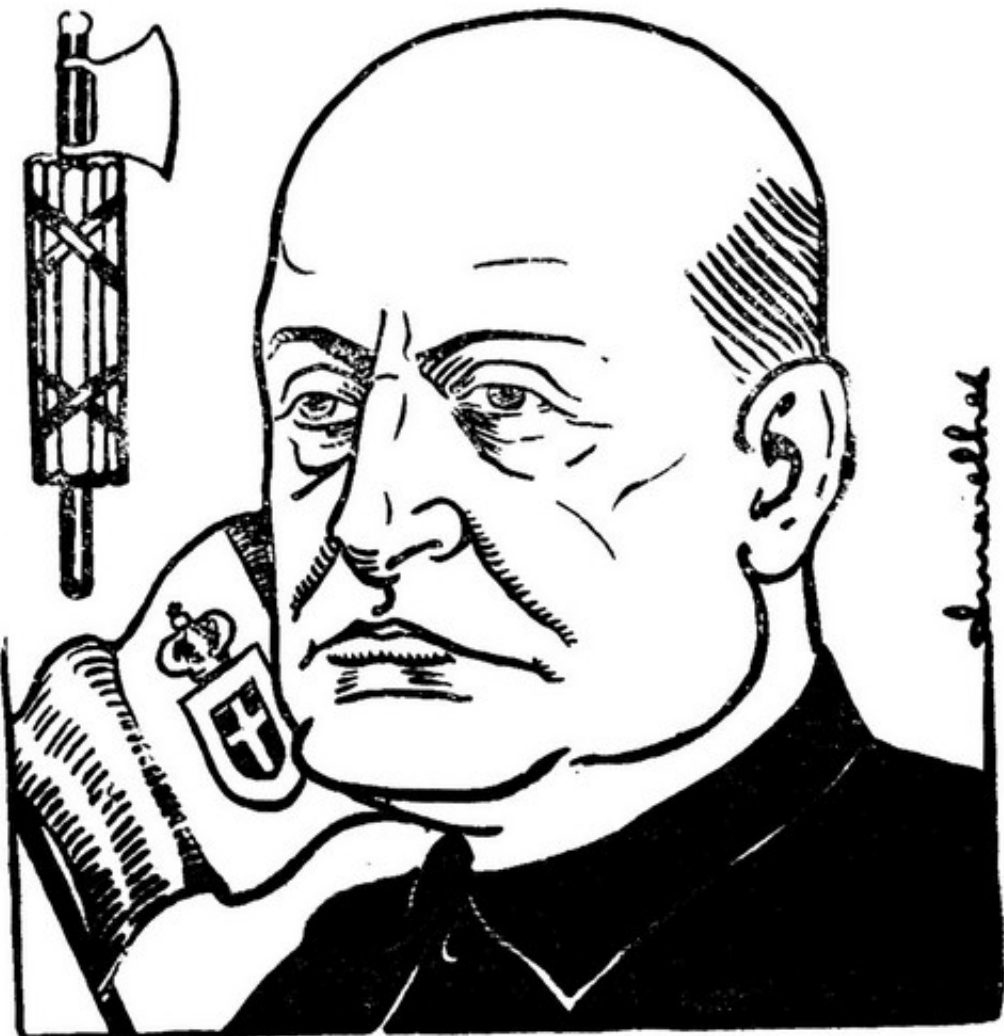
— «Olha, põe-me um bigode postiço.»

Lino Ferreira oferecera em Sintra, no Hotel Nunes, um almoço aos seus amigos mais intimos. Estavam, entre outros, Matos Sequeira, Luna de Oliveira, João Bastos, Mario Duarte, Feliciano Santos, quem assina esta cronica e poucos mais. A certa altura, entrou Sofia Gallini, que ostentava um chapéu característico, que tinha qualquer coisa de semelhante com uma das figuras dos celebres «paineis», tão discutidos ultimamente. José Ricardo sorriu e disparou esta observação:

— «Esta Sofia tem cada uma... Que ideia vir á infante D. Henrique!»

José Ricardo foi um dos nossos artistas de maior espirito. Quem um dia escreva um livro sobre o belo humorismo do saudoso actor terá contribuido com uma das mais suggestivas paginas da graça portuguesa.

Nogueira de Brito.



VIVA A ITALIA! I

## Prosa de Cha-Velho

Deleitem-se os «aficionados» neste caso que telegrafaram de Cáceres, definindo maravilhosamente o que com os «fenomenos» está acontecendo neste *detalle* infimo do touro ultra-infimo:

Marchava pelos arredores de Cáceres um toureirito que se encontrou com um amigo.

— Que é feito de ti?

— Tenho toureado em varios sitios.

— Onde?

— Em aldeias. Depois fui a Madrid, onde vi anunciada uma corrida de touros em que toureavam Marquez, Marcial e Barrera.

— Quando foi isso?

— Ha pouco tempo. Como tinha umas pesetas, comprei uma entrada de sol e, á hora anunciada, eu lá estava no meu lugar.

«Saiu o primeiro touro e não aconteceu nada de extraordinario; saltaram o segundo, e nada; saltaram o terceiro e continuamos a nada ver. Esperei que apparecesse o quarto e, quando o vi na praça, saltei a barreira e cai na arena. Agarrei na *muteta* que levava enrolada a cintura e, com um pau, fui direito ao touro.

«Na praça fez-se um silencio de morte. Os toureiros não se atreviam a agarrar-me, e eu, como uma fera, puz-me ante o bicho e citei-o para um *pase* de peito. O touro, que estava muito bem educado, acudiu e aquilo foi um não acabar. Se queres que te diga como foi e com risco palpavel, abre a tua navalha e investe com ela como se fóra uma das duas navalhas que o touro trazia nas hastes.

«Avança agora e verás como eu esquivei a colhida naqueles *pases* em que o touro ia embebido na *amuleta*, roçando-me o corpo...»

O outro *investiu* e souu um grito de dor. O amigo, ao *arrancar*, tinha *achuchado* pelo lado do perigo e, com a ponta da navalha, rasgou a jaqueta do *diestro* e não lhe rasgou a carne por milagre.

— Bruto! Quasi que mataste!!

— Tu tinhas-me dito que investisse...

— Sim, mas tu investiste como um Miura.

— Como um touro, afinal!

— Mas... eu não te tinha dito que na corrida toureavam Marquez, Lalande e Barreira?

— Sim, mas...

— E, toureado estes fenomenos, investes tu como um Miura?! Bruto! Fica sabendo que, toureado tais fenomenos, devias *arrancar* te direito e suave, como fazem os touros de Salamanca, os curiosos que eles sabem lidar...



— Anda, homem! Desco de uma vez...

— Como, se se me acabou a corda.  
(Do Gutierrez)

### A CAÇA AO HOMEM



Em 1900. Em 1929  
(Do Guerin Meschino)

# BOM HUMOR

O capitão: — Não sabes cumprimentar os teus superiores?

O recruta: — Sei, sim, senhor. Levante a mão ao boné.

O capitão: — Então porque não fizeste a continência?

O recruta: — Porque me esqueci do akepi...

\*\*\*

— Já são cinco vezes que te peço o dinheiro que te emprestei!

— E quantas vezes t'o pedi antes que m'o emprestasses?...

\*\*\*

O novo criado: — Estive seis meses a lavar a louça num restaurant.

O patrão: — E porque deixaste o lugar?

O primeiro: — Porque não havia mais louça...

\*\*\*

Na rua:

— Que praga, estes automóveis!

— Mas ontem tu dizias a mesma coisa a respeito dos peões...

— Sim, mas é que ontem andava de automóvel...

\*\*\*

— Aqui tem um revólver com seis balas?

— Basta-me um com duas balas. Eu sou bigamo...

\*\*\*

Na aula:

O professor: — Podes definir o silêncio, João?

O aluno: — O silêncio é uma coisa que não se ouve quando o escutamos...

\*\*\*

Outra, de aula primária:

O mestre: — Sabes o que é uma interjeição? Diz-me uma...

O aluno malcriado: — Sei, mas não digo porque o sr. professor castigava-me...

\*\*\*

Entre casados:

Ela: — E's um egoísta! Diz-me: que boa acção praticaste na vida?

Ele: — Ter evitado que morresses solteira...

\*\*\*

Ele: — O medico proibiu a Joana de cosinhar.

Ela: — A Joana está doente?

Ele: — Não, o marido é que está...

\*\*\*

O 1.º premio de canto, posto á prova:

— Porque será que ela fecha os olhos quando canta?

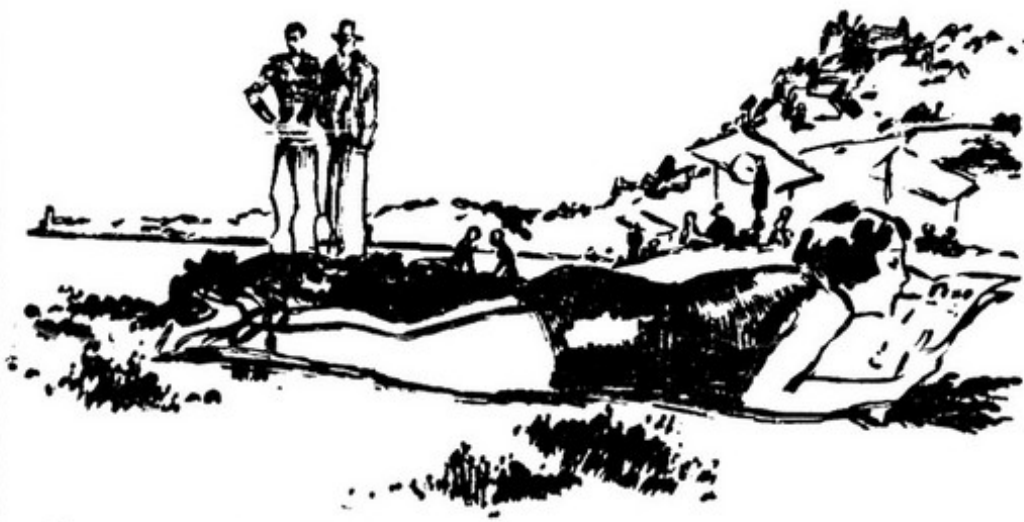
— E' que não gosta de nos ver sofrer...

◆◆◆◆◆



— O' papá, o que é «pipe» em Português.

— Pipe... pipe... ora está! Tenho a tradução mesmo na ponta da língua mas não me recordo agora.



— Chamam a isto a Costa do Sol. Deviam chamar-lhe costas... ao sol

## No Parque das Férias

(Do nosso enviado especial a San Sebastian... da Pedreira e terras além).

O dia acordara. E embora isso suceda trezentas e sessenta e cinco ou sessenta e seis vezes no ano, o facto revestia desta vez um caracter especial. Nos e o dia acordaramos satisfeitos. Nos, por ser o dia 22, este por ser no calendario zoologico o dia da inauguração do «Parque das Merendas».

Durante o dia, o dia não fez outra coisa que fazer calor e nos limparmos o suor que corria apressado pelo nosso rosto tortuoso.

E quando o calor abrandou, nos, o Rogerio Perez, o Rocha Junior, o Julio Caiola, o Leopoldo Nunes, o Ivo, o Sousa Junior e os artilheiros fotograficos Ferreira da Cunha, Raul Reis e Benotiel (filho) entramos no Jardim Zoologico.

Somos, de facto, todas pessoas mais ou menos simpaticas, de mais ou menos cabelo... que o Rogerio Perez. O Jardim sentiu-se bem conhecido, mas vestiu-se de alegrias ante dois lindos sorrisos — os de «mesdames» Rocha Junior e Julio Caiola.

Nós, os homens, os jornalistas que uma fidalga gentileza dos srs. Manoel Emidio da Silva, general Pellen, coronéis Ramos da Costa e Baptista Coelho, José Parreira (não confundir com o outro), Telmo Bandeira e J. A. Ribeiro levaram ao Jardim, passámos uma revista atenciosa á collecção de feras. Entretanto, todos diziam *in mente*: Quando começa a merenda? Eis, agora, as opiniões recolhidas sobre ella pelos convidados:

«Eu é que sou Rocha e vocês é que não arrancaram dali enquanto não ficaram satisfeitos! Sim, senhores!»

Rocha Junior.

«Quando ouvi falar em José Par-

reira, apanhei um destes sustos... que não houve pastel de camarão que me resistisse!»

Julio Caiola.

«Olhem que para uma merenda daquelas não é preciso cabelo. Chega o que tenho... e sobeja.»

Rogerio Perez.

«As trouxas d'ovos, meus amigos, eram umas grandes trouxas...»

Leopoldo Nunes.

«Reconciliei-me com o meu maior inimigo. Bebi agua!»

Sousa Junior.

«Os sonhos de bacalhau são os meus sonhos. Sonhei com eles e com o Camarão em pasteis...»

Uma convidada.

«Aqueles grupo de bombons com os sonhos de bacalhau, os «croquettes» e as «sandwiches» — ficou esplendido.»

Raul Reis.

«Tirei uma fotografia aos «croquettes». Sempre é uma recordação... *comivel*!»

Ferreira da Cunha.

«Somos de bacalhau, pasteis de camarão, «croquettes», «sandwiches», pasteis de carne, bolos, frutas, vinhos Bucelas e Colares, tinto... Uma linda ementa! (Vinhos pouco variados...»

Ivo de Monforte.

«Ah! Sobrou comida?! Eu ibes d'ria se cá estivesse meu pai!...»

Benotiel, filho.

(Reportagem de Luis Figueira).



Suplicio de Tantalos...

# Elevador da Gloria

Numa empresa de «taxi»:

— Como se chama?

— Antonio Pereira.

— E' «chauffeur» ha muito tempo?

— Ha quatro anos.

— Quere dizer: tem uma larga experiencia de conduzir automoveis...

— Sim, senhor...

— Já teve algum desastre?

— Não, senhor...

— Bem... Ora diga-me: o senhor sabe que o «chauffeur» tem o dever de ser honrado?!

— Sei, sim, senhor...

— Bem! E o senhor com certeza que o é.

— Sem duvida...

— Optimo! Ora suponha o senhor que dentro do seu carro achava uma carteira com duzentos contos. O que é que o senhor fazia?

— Nada... Ia para o estrangeiro...

\*\*\*

O «chauffeur» para o atropelado:

— O senhor é que teve a culpa!

O atropelado:

— Eu?!

— Sim, senhor. Olhe que eu tenho de pratica de «chauffeur» nada menos de quinze anos...

— E eu cincoenta de peão.

\*\*\*

A condessa de Grolee levava uma vida cheia de pecados. Sentindo-se gravemente doente, pessoas amigas aconselharam-na a tratar da alma, recomendando-lhe um sacerdote bonissimo que, solicitado a salvá-la, foi a sua casa.

Quando o sacerdote entrou todos se dispuzeram a sair do quarto da enferma para que ella fizesse a sua confissão sem testemunhos. A condessa impediu-os de o fazer, dizendo:

— A minha confissão pode fazer-se em publico.

E dirigindo-se ao sacerdote:

— Meu padre! Fui nova... Fui bonita... Todos m'o disseram e acreditei-o. Eu acreditei-os... Vossa reverendissima julgará o resto.

E morreu.

\*\*\*

Uma anedota brasileira:

Professor para o aluno: — O menino sabe o que é uma oração?

— Sim, sr. professor.

— Bem... Então construa uma oração.

— Dona Piduca quebrou um pé...

— Muito bem... Muito bem... Agora vamos a analizar a oração. Quem é o sujeito?

— Sujeito... quebrou.

— Bem... Muito bem... E o predicado?

— D. Piduca...

— E o que é o pé?

— O pé... é o complemento directo, circumstancial de lugar por onde D. Piduca quebrou.

◆◆◆◆◆



— O que é isto?

— E' um boy-scout.

— Coitado! Tão pequeno e já boy...

# O dr. Policarpo

## SCENAS DA RUA

# VESPERA DE S. PEDRO

# UM DRAMA CONJUGAL

O dr. Policarpo Biquinhos era um medico de grande reputação.

Desempenhando o seu lugar ha mais de trinta annos, possuia numerosa clientela, que ao seu consultorio affluia com a confiança que se pode ter num santo milagroso. E ele tratava todos com a mesma atenção, auscultando, tacteando partes do corpo e receitando por fim.

O dr. Policarpo tinha um filho a quem mandara educar primorosamente e que havia ha pouco terminado os estudos na Faculdade de Medicina.

«Filho de peixe sabe nadar», e, assim, o jovem Evaristo Biquinhos portara-se valentemente no exame final e saíra com distincção da tese que defendera.

Pouco conhecido, porém, limitava-se a visitar algum doente que lhe apparecia e a substituir o pai quando este não estava para massadas.

Até que um dia o sabio dr. Policarpo o chamou ao seu gabinete e, fechando a porta á chave, lhe deu, abertamente, a seguinte communicação:

— Sr. dr., meu prezado colega:

O sr. é meu filho e acho justo recompensalo dos esforços que tem feito para obter os bellissimos resultados que alcançou. Pois muito bem. Para vêr que sou seu amigo, vou deixar lhe veja bem sr. meu filho!, a minha antiga clientela. Vou para as aguas com a sua mãe e as manas, e o meu amigo fica aqui a tratar os meus doentes. Mas, veja lá, muita atenção, não vá descontentar as pessoas que sempre se tem dado tão bem comigo...

E dito isto, preparara as malas e abalara para Vidago.

\* \* \*

O dr. Evaristo amara-se á sua nova tarefa com todo o entusiasmo e proficiencia. Os doentes, como de costume, affluiram ao consultorio; e, ao acharem-se em face do novo clinico, já prevenidos, perguntaram, amáveis: — Então V. Ex.ª é filho do sr. dr. Policarpo? Seu ex.º pai é um bello medico, temenos dado muito bem com ele; mas o nosso mal é tão grave que, apesar de todos os esforços, continuamos soffrendo, embora de vez em quando experimentemos algumas melhoras.

O novo medico sorriu agradecido aos elogios feitos ao pai e foi inquirindo dos doentes os padecimentos que tinham. Com as respostas recebidas, Evaristo ficou estupefacto.

— Mas então os senhores... meu pai... Mas isto é curioso!

E, rapidamente, necessariamente, recebeu para cada um. Concluido o trabalho, entregou as papéis e disse:

— Os senhores tomam isso e voltam cá para a semana para me dizerem se zooliam melhoras.

Paria milagrel Doenças crónicas de todas as categorias desapareciam como por encanto com o recetario do dr. Evaristo. Os expadecentes foram agradecer-lhe e ele apressou-se a escrever ao pai, participando-lhe o succedido.

O dr. Policarpo leu a carta do filho e, fúlo, opior que um urso», meteu uma bengala

debaixo do braço e veio por ai abaixo até Lisboa. Entrou no consultorio e, avançando hostil para o filho loquaz, berrou a plenos pulmões:

— Com que então, tudo curado? Eu sempre quero vêr do que é que o senhor vai viver agora!

### Lagarto da Penha.

## Uma margarina

A Companhia Commercial Portuguesa, Limitada, teve a gentileza, que muito agradecemos, de nos enviar alguns simpáticos pacotinhos-reclamo da margarina «Diana» que, com vantagem, substitue a manteiga em todas as suas applicações.

Agora que andamos para aqui cheios de calor, a derreter-nos como manteiga, valha-nos ao menos a «Diana», que se derrete por nós...



Dou cinco tostões para o S. Pedro, mas são para o primeiro que os agarrar.



Pronto!...

# O método Asuero



— Oh! sr. doutor, faça favor de me examinar porque sinto um grande peso e dores horribes na cabeça.

— Já vi; isso é uma dôr reflexa. Traça-me sua mulher para lhe queimar o nariz... deve ter cabelo na venta...

Ontem, entre as oito da manhã e o meio dia, a rua Luciano Cordeiro foi teatro dum drama. O reporter sente dificuldade extrema em relatar os successos. Todavia, com a melhor das boas vontades, vai pôr os leitores do Sempre Fixe ao facto do que se passou.

Vamos aos antecedentes do drama: Rodava o anno de 1807 e Portugal andava preocupado com as invasões francesas.

Na Avenida Almirante Reis morava uma gentil senhora, sobrinha de Jeronimo Cordeiro que, por coração, recolhera em sua casa a sobrinha dum seu mano, chamada Gertrudes.

Ora Gertrudes apaixonara-se doidamente por um empregado da «Marconi», cujo pai era dono duma fabrica de laminas sistema «Gillette».

Casaram. Do matrimonio de Gertrudes com o empregado da «Marconi» nasceram sete filhos. Um deles, o do meio, estudou para dono de casa de moveis, partindo mais tarde para o Brasil. Ali casou; alt teve um filho que morreu de apendicite e uma filha que, vindo a Portugal, se meteu de amôres e casou depois com um futebolista, natural de Miranda.

Ora deste casamento nasceram duas creanças: Alberto e Celeste. Ele um simpatico bacharel em mercearia, e ela, a vitima do drama de ontem.

Celeste era uma mulher de grande beleza. Alta, esbelta, telefonista, loura, cabelos pretos, sapatos cinzentos, labios azues, olhos ás riscas, sobrancelhas rapadas, ha precisamente dez annos que contraiu casamento com o conhecido especialista de doenças das unhas, Artur Coelho.

Os primeiros annos do casamento passaram sem que a mais pequena nuvem turvasse os ares daquelle amor.

Mas — nestas questões de amor ha sempre um mas — o Coelho começou a suspeitar que a sua esposa tomava ginginha e gostava da radio-telefonica. Depois, essas suspeitas aumentaram de volume e o Coelho deu em desconfiar que a Celeste não era indiferente a um pequeno que tinha a mania do cinema.

A situação era, pois, grave e a visinhança, tendo conhecimento das suspeitas do Coelho, ha muito esperava a tragedia que ontem se desenrolou.

Ontem, o Coelho entrou em casa antes da hora costumada, e justamente quando Celeste estava com mais três amigas dizendo mal das pessoas das suas relações.

É preocupado em achar qualquer prova contra a esposa, o Coelho, deitando fóra uma vista de olhos pela casa, comprehendeu tudo. Aos pés da esposa adorida estava um par de sapatos absolutamente desconhecidos para ele. Sobre a mesa, uma caixa em que se lia: «Ultimas creações da moda».

Ora, no momento de entrar, o Coelho ouvira a Celeste dizer para as suas amigas:

— Estes sapatos comprei-os eu com o dinheiro que todas as noites vou firando das algibeiras do meu marido.

O Coelho, ao ouvir isto, lançou-se sobre a esposa. Agarrando-a pelos pés com furia inaudita, arrancou-lhe dos sapatos os tacões Luis XV e, arrastando-a pela casa fóra, meteu-lhe a cabeça num bengaleiro de louça.

Ainda não satisfeito com isto, o Coelho, sempre gritando, agarrou num cacele de Oeiras e escangalhou á pobre senhora a ondulação Marcel que, na vespera, lhe custara cincoenta escudos e quatro horas de espera no barbeiro.

As amigas, mudas de terror, gritaram pela visinhança, pondo-a ao facto do occorrido.

Por fim, o Coelho, pendurando a esposa pelos pés no candelieiro da sala de visitas, colocou-lhe junto do ouvido um gramofone Odéon e tocou-lhe, onze vezes seguidas, o disco da «Harmonia». E mais tocaria se a desgraçada não pedisse perdão e um copo de ginginha.

Quando lhe passou a furia, o Coelho e a mulher foram jantar.

A policia tomou conta da occorrença.



O que se diz e o que se não deve dizer

## Os preliminares do campeonato de box da Europa



**CARLOS BLECK (pae)**

Lidimo representante da nossa velha aliada nos desportos nauticos portuguezes. Gentleman: mesmo quando em mangas de camisa.

Faleceu a epoca de foot-ball de 1928-29, e faleceu em boa hora, porque outro valor muito mais alto se levanta: — o Zé Santa!

O entusiasmo pelo campeonato europeu de box ultrapassa as melhores expectativas. E' preciso ir aos Restauradores vêr a bicha na bilheteira, para se aoreeditar.

Ao principio, o publico que se lembra do *récorde da comidela* que tem estabelecido, andava um tanto desconfiado. Só se ouvia perguntar se aquilo era realmente o campeonato da Europa. Convenceu-se afinal.

De facto, Pierre Charles é o titular da Europa. E isto porque o Paolino é um grande pandego.

Em todo o caso, como em Portugal ha sempre a mania de compilar as coisas com designações estrangeiras, chama-se ao Santa: *challenger*. Houve quem supozesse que o termo era a tradução de camarão em inglês. Não é bem assim.

*Challenger* dum campeonato de box é o desafiador reconhecido ou acreditado oficialmente pela *Internacional*. Ora para o grande *match* de domingo houve apenas um contracto aceite pelo belga e em que este põe voluntariamente o titulo em jogo — porque o titulo é uma fabrica de papel-moeda, da melhor especie...

Neste caso do campeonato de pesados europeus, o desafiador official é um italiano qualquer com quem o titular vencedor de domingo proximo terá de se bater mais tarde.

O certo é que, mesmo sem designações esquisitas, o combate de domingo representa um acontecimento desportivo do maior interesse. O publico correspondeu ao alvimento da organização, quando mais não fosse para demonstrar que todos os bons espectaculos de sport são possiveis em Portugal — desde que sejam autenticamente bons, sem chicoria...  
O empresario deve ganhar uma di-

nheirama linda. O box não está perdido... Morreu o Tex Rickard mas surgiu o Segurado.

Os regulamentos ordenam que para um campeonato de box desta ordem haja três juizes. Um do pais de cada contendor e um neutro.

O neutro, neste caso, é um senhor suizo, grande amigo do *manager* do belga — e recomendado pelo mesmo *manager* aos organizadores.

E como isto ainda não seja sufficiente, parece que o mesmo neutro acumulará as suas funções de juiz com as de director de combate! Ficará, pois, senhor absoluto do ring para o caso duma desclassificação oportuna.

Não haveria em Espanha um director de combate competente e sem amizades para qualquer dos lados?

Ao escrever estas linhas, dizem-me aqui do lado que os regulamentos dum campeonato europeu não comportam um director de combate com funções de juiz. Não sei se isto é verdade. Mas, se é, e se o Santa ganhar estrondosamente, teremos talvez um protestinho junto da I. B. U. por-

que o juri e a arbitragem não eram rigidamente regulamentares.

E porque não convidam tambem o cozinheiro para temperar a *mayonnaise* de juizes?

Como tem estado muito frio, os treinos de Santa tem sido feitos ás três da tarde, dentro dum dos torres zineados do Campo Pequeno. E' uma receita especial para arranjar camarão estufado.

Os treinos diarios do campeão nacional constam destas pequenas *bagatelas*:

- 1.º — Sessão de cultura fisica
- 2.º — Dois *rounds* de salto á corda,
- 3.º — Quinze *rounds* de box.

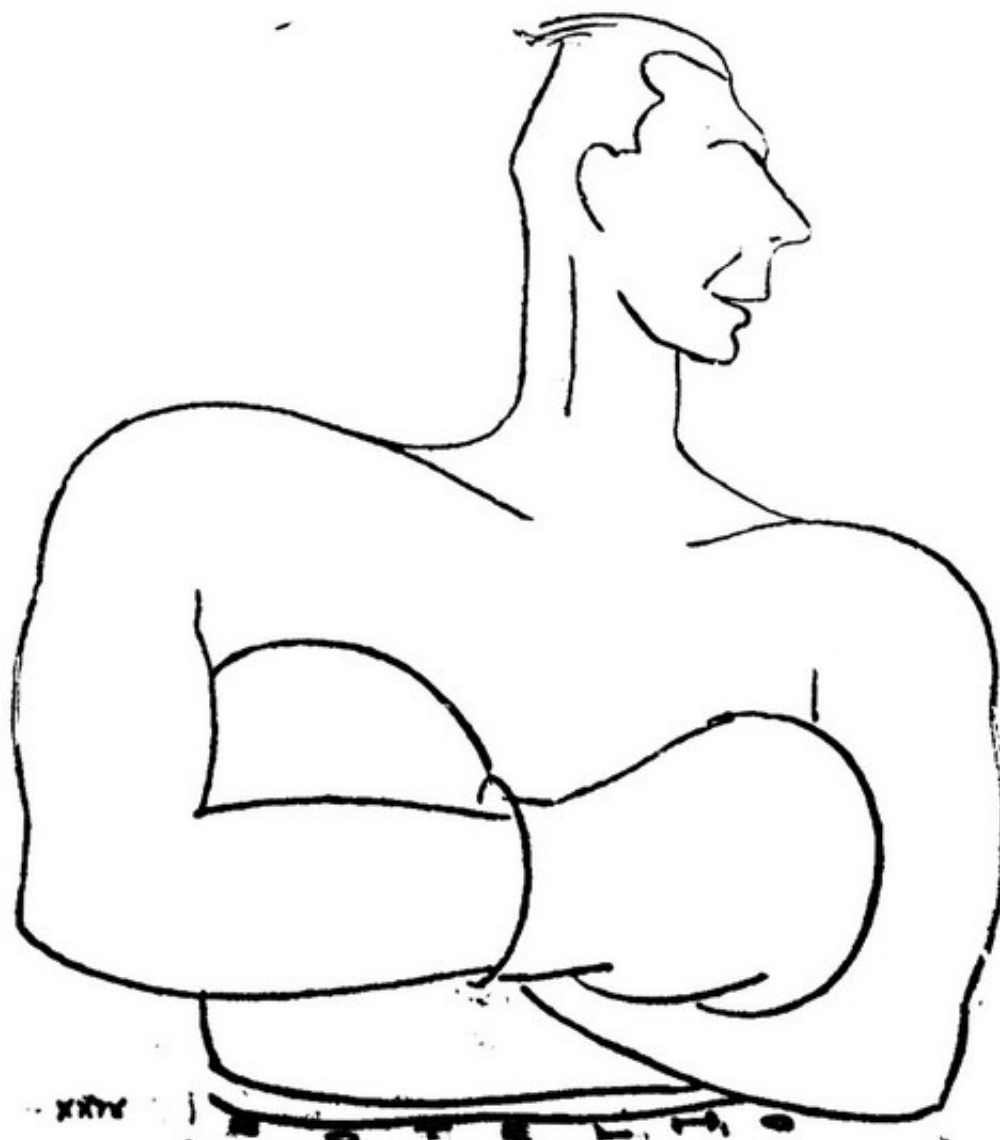
Isto tudo duma vez — e a seguir.

Um curioso que foi assistir aos treinos exclamou:

— «Mas isto não é um homem. Isto é um monstro anti-diluviano; — o *santosaurus*».

Deve ser. Porque senão já tinha morrido.

**Reboia-A-Sola.**



**PIERRE CHARLES**

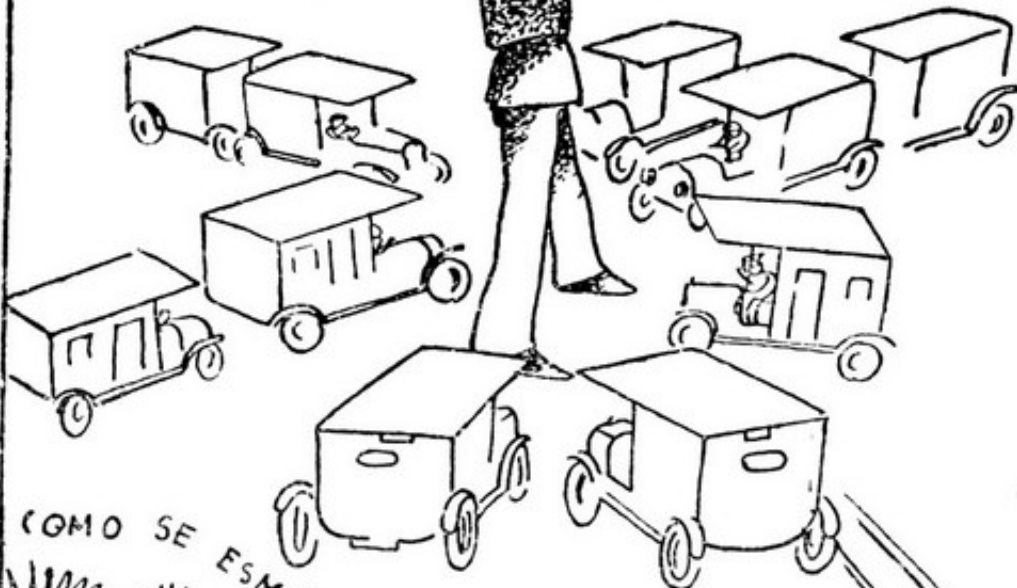
Nem de encomenda se arranjava melhor á «altura» do Camarão.

# ECONOMIA DA SEMANA

## EM LONDRES

NADA DE APITOS...  
NADA DE CONFUSÕES.  
O MANGUITO (BRANCO),  
DO SINALEIRO, CHEGA!

A GUARDA NACIONAL  
NO SEU PASSO DE CEGONHA



COMO SE ESMOLA EM LONDRES

POR CÁ HA TAMBEM UMA GRANDE VENERAÇÃO PELO  
RÔXO DE QUE RESULTA UM OUTRO GENERO DE PASSOS  
DE CEGONHA.

BASS



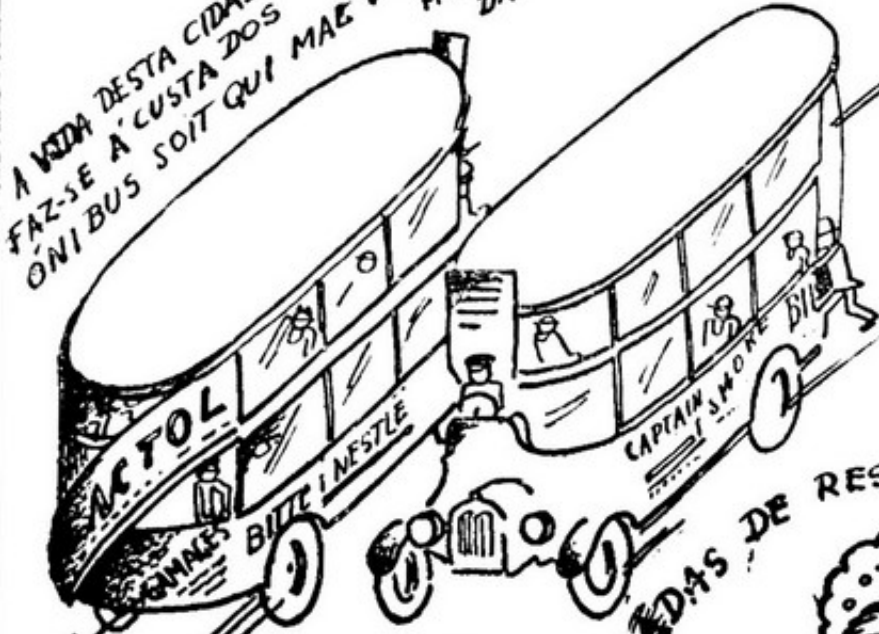
O QUE DESE-  
NHA PAISA-  
GENS A GIZ  
DE CÔRES  
NAS LAÇES  
DO CHÃO

OS QUE FAZEM  
E DESFAZEM MUSICA



A VIDA DESTA CIDADE  
FAZ-SE A CUSTA DOS  
ONI BUS SOIT QUI MAE PENSE...  
MAS E VER-  
DADE.

OS TAXIS SÃO DO TEMPO DA MINHA AVO.  
EM COMPENSAÇÃO TEEM  
MOTORES QUE NÃO  
ENSURDECEM



AS QUERIEDAS DE RESTAURANT



QUEM É "CHIC" VAI  
PARA O AI DE PAR  
QUE HIPISA - LO.

AQUI AS PEQUENAS  
TAMBEM RELE DE PECEGO  
E DAI O SERAN MUITO  
PECEGAS... ENTRE OUTRAS  
COISAS MAS  
SE PINTAM..)

LONDRES - JUNHO  
24  
D. OTTELMO